

# A EVIDÊNCIA LINGUÍSTICA E EXTRALINGUÍSTICA PARA A TRADUÇÃO DE ARSENOKOITAI

The Linguistic and Extra Linguistic Evidence  
for the Translation of Arsenokoitai

*Milton Torres<sup>1</sup>*

## RESUMO

O termo *arsenokoitai* foi provavelmente cunhado pelo apóstolo Paulo. Por essa razão, sua tradução em 1 Co 6:9 e 1 Ti 1:9-10, suas únicas ocorrências no Novo Testamento, têm enfrentado certas dificuldades. Quatro contextos principais têm sido propostos para o significado de *arsenokoitai* no corpus paulino: exploração sexual (cafetinagem/prostituição cultural), pederastia, sexo não consensual entre homens (estupro) ou sexo consensual entre homens (homossexualismo). O presente artigo examina o peso da evidência linguística (morfologia e semântica) e literária (contexto histórico, crítica genética, gênero e contexto vital) para a tradução do termo *arsenokoitai*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Arsenokoitai*. Tradução. Novo Testamento. Homossexualismo.

## ABSTRACT

The word *arsenokoitai* was probably created by the apostle Paul. For that reason, its translation in 1 Co 6:9 and 1 Ti 1:9-10 – the only places where it occurs in the New Testament – has become problematic. Four main contexts have been proposed to explain the meaning of *arsenokoitai* in the Pauline corpus: sexual exploitation (pimping/religious prostitution), pederasty, non consensual sex between men (male rape) or consensual sex between men (homosexuality). This paper examines the weight of the linguistic evidence (morphology and semantics) as well as of the literary evidence (background, genetic criticism, genre criticism and *Sitz im Leben*) for the translation of *arsenokoitai*.

**KEYWORDS:** *Arsenokoitai*. Translation. New Testament. Homosexuality.

Em tempos recentes, dificilmente uma palavra do Novo Testamento tenha provocado mais polêmicas quanto a sua tradução do que o termo *arsenokoitai*, que ocorre apenas no corpus paulino. A opinião geral é de que se trata de um neologismo criado por Paulo. Essa era uma prática comum nos escritos do apóstolo, a quem se atribuem 179 neologismos, 89 dos quais não foram copiados por nenhum autor posterior (DE YOUNG, 1992; TAYLOR, 2008). Por causa disso, apresento os dois textos a seguir, deliberadamente eximindo-me de propor uma tradução para a expressão disputada: “Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os

---

<sup>1</sup> Pós-Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Professor dos cursos Letras e Tradutor e Intérprete no Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP. E-mail: <mltorres@yahoo.com>.

*arsenokoita?*” (1 Co 6:9). “Sabendo isto, que a lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreligiosos, para os parricidas e matricidas, para os homicidas, para os impuros, para os *arsenokoitai*, para os raptos de homens (*andrapodistai*), para os mentirosos, para os perjuros e para o que for contrário à sã doutrina” (1 Ti 1:9-10).

A palavra *arsenokoitai* foi tradicionalmente traduzida como “sodomitas”, uma escolha inadequada porque o termo não guarda relações diretas com o nome da cidade de Sodoma. A New Amplified Bible, de 1958, foi a primeira versão inglesa a traduzir a palavra como “homossexuais” (WHITE, 1994). Em 1966, a Today’s English Version contraiu *arsenokoitai* e *malakoi* em uma única expressão: “homossexuais pervertidos”, decisão que foi seguida pela New English Bible, de 1970. Em 1973, a Nova Versão Internacional propôs “homossexuais”, para 1 Co 6:9, e “pervertidos”, para 1 Ti 1:9-10. A New Standard American Bible simplesmente optou por “homossexuais” em ambos os casos. A partir de 2005, a Sociedade Bíblica de Portugal também optou pela tradução “homossexuais”, em sua versão em língua moderna. Essas versões recentes inflamaram ainda mais o debate. Sob a alegação de que o termo *arsenokoitai* era um termo novo, fabricado nos primórdios da igreja cristã e sem uso correlato na literatura pagã, muitos estudiosos têm chegado à conclusão de que não se pode ter certeza quanto ao significado pretendido à época (BOSWELL, 1980; MARTIN, 1996; MARTIN, 2006). De fato, a palavra não aparece em nenhum texto que não seja cristão ou judaico até o séc. VI (GAGNON, 2003). O propósito deste artigo é verificar se, com base na evidência linguística disponível, pode-se determinar o significado da palavra. O objetivo será também avaliar o peso da evidência linguística e extralinguística (inclusive, literária) para a tradução do termo *arsenokoitai*.

Paulo escreveu a primeira epístola aos coríntios por volta do ano 55. Os teólogos conservadores colocam a redação da primeira carta a Timóteo entre 62 e 64, imediatamente antes de sua morte. Os teólogos liberais creem que a carta a Timóteo foi escrita até 85 anos após a morte de Paulo (entre 100 e 150 A.D.), por um escritor desconhecido a quem costumam chamar de “pastor” (TORRES, 2007). Independentemente das questões relativas à autoria e datação, depois de seu emprego inicial nessas epístolas, o vocábulo teve uso limitado pelos autores posteriores. A palavra *arsenokoitês* (forma do singular) é um substantivo composto dos radicais *arsen* (“macho”) e *koitês* (“aquele que se deita”). Embora não seja regra geral, o significado dos substantivos compostos é geralmente obtido pela soma de suas partes. Se isso se aplicar ao caso em questão, o significado de *arsenokoitai* será, então, “aqueles que se deitam com machos”. No entanto, não se pode definir a questão precipitadamente, pois a literatura nos oferece inúmeros exemplos

em que o significado de substantivos compostos não é definido pela soma dos significados de suas partes (WHITE, 1994; MARTIN, 1996). A etimologia de uma palavra reflete apenas a sua história e não o seu significado (BARR, 1961, p. 107-110).

As cidades de Corinto, destinatária da epístola de Paulo, e Éfeso, onde Timóteo viva, eram reconhecidos centros das religiões de fertilidade. Em Corinto, adorava-se Afrodite (ou Vênus); em Éfeso, Artemisa (ou Diana). Não se sabe ao certo, porém, se, na época de Paulo, esses cultos retinham, nessas cidades, a força que haviam exibido em sua época de esplendor, alguns séculos antes. É provável, contudo, que a obsessão sexual de outrora ainda prevalecia nesses grandes centros urbanos, mesmo sem a íntima ligação que essas cidades antes desfrutavam com as religiões de fertilidade. Segundo Ovídio (**Metamorfoses** 4.237), Catulo (63.5), Marcial (**Epigrama** 3.81.3), Plínio (**História natural** 35.48, 165) e Lucrécio (**A natureza das coisas** 2.611), na época de apogeu do culto, os sacerdotes de Artemisa eram castrados e vestidos com roupas femininas (KROEGER, 1987, p. 37). Duzentos anos depois de Paulo, Eusébio de Cesareia ainda faz referência à prostituição de mulheres e homens efeminados no culto a Afrodite.

A antiguidade greco-romana desfrutava, além disso, da reputação de grande tolerância para com a pederastia, isto é, o costume de homens mais velhos receberem, sob sua guarda, jovens inexperientes a fim de educá-los nos assuntos públicos. Esses relacionamentos com frequência atingiam um grau de intimidade que ia além do respeito intelectual. Considerando-se a tenra idade dos jovens envolvidos, essa prática receberia, em nossos dias, a reprovação que geralmente destinamos à pedofilia. Lutero parece ter compreendido a expressão *arsenokoitai* nesse contexto, razão pela qual a traduziu para o alemão como *Knabenschaender*, “aqueles que abusam de crianças”.

Bailey (1975), Boswell (1980), Petersen (1986) e Scroggs (1983) alegam que a *arsenokoitia* não pode se referir à condição, propensão ou desejo homossexual porque o termo se limita a ações de um tipo particular (BOSWELL, 1980; SCROGGS, 1983) ou porque a homossexualidade propriamente dita não era conhecida na antiguidade (BAILEY, 1975; PETERSEN, 1986). Nissinen (1998, p. 244) propõe que a chave para a interpretação de *arsenokoitai* encontra-se na lista de pecados de Rm 1:24-27. Ali, Paulo não menciona *arsenokoitai* ou *tribades* (termo usado pelos autores pagãos em referência às mulheres que mantinham relações sexuais com outras mulheres), mas é difícil imaginar que essas pessoas não fizessem parte do referencial mais amplo que originou a lista. Aqui, porém, não prestaremos atenção detalhada aos argumentos de Bailey (1975) e Petersen (1986) quanto ao anacronismo de se aplicar a categoria do homossexualismo à antiguidade greco-romana, tema já amplamente discutido na literatura (DE YOUNG,

1992; TORRES, 2000), nem nos deteremos na consideração da lista de Rm 1:24-27, trabalho já empreendido por Nissinen (1998). Em vez disso, nossa atenção incidirá sobre o peso da evidência linguística (morfológica, genética morfológica e semântica) e literária (contextual, genérica contexto histórico, crítica genética, gênero e interna). De fato, quatro contextos principais têm sido propostos para o significado de *arsenokoitai* no corpus paulino: exploração sexual (cafetinagem/prostituição cultural), pederastia, sexo não consensual entre homens (estupro) ou sexo consensual entre homens (homossexualismo). Antes de analisar esses contextos (evidência semântica), vamos, primeiramente, tratar do processo de composição do vocábulo *arsenokoitai* (evidência morfológica) e da possível fonte para a cunhagem desse termo (evidência genética). Depois, faremos referência à contribuição que o gênero literário em que o vocábulo ocorre pode nos dar para a compreensão de seu significado. Finalmente, mencionaremos brevemente o que a evidência interna aos textos paulinos, especialmente 1 Coríntios, revela sobre o assunto.

## A EVIDÊNCIA MORFOLÓGICA

Conforme afirmado anteriormente, a literatura nos oferece inúmeros exemplos em que o significado de substantivos compostos não é definido pela soma dos significados de suas partes (WHITE, 1994; MARTIN, 1996), pois a etimologia de uma palavra reflete apenas a sua história e não o seu significado (BARR, 1961, p. 109). Em meio a algumas premissas problemáticas, Jepsen (2006) argumenta, nesse caso corretamente, que o primeiro procedimento para se determinar o significado de um termo composto é, de fato, fazer a soma dos significados de suas partes. Só se deve adotar procedimento alternativo depois que se verificou que a mera soma não é suficiente para determinar seu significado conjunto.

A cunhagem de *arsenokoitês*, quer feita por Paulo ou não, obedeceu aos processos morfológicos disponíveis na língua grega e em ação também em outros vocábulos, algo necessário para que a palavra fosse compreendida pelas pessoas da época em que foi criada. O radical *koitês* já tinha longo *pedigree* literário como segundo membro de um termo composto quando apareceu no substantivo *arsenokoitês*. Hesíodo, no século VIII a.C., usou a expressão *hylêkoitai* (“aqueles que dormem no mato”) em seu poema épico **Trabalhos e dias** (verso 529), uma combinação de *hylê* (“mato, selva”) e *koitês*. Hipônax, o poeta de Éfeso, empregou, no sexto século a.C. (fragmento 12.2), a palavra *mêtrokoitês* (“aquele que se deita com a mãe”) para se referir a uma relação incestuosa. O escoliasta de **Os cavaleiros** (792a1), de Aristófanes, explica que, durante a guerra do Peloponeso, devido à escassez de moradia, vários

atenienses se viram obrigados a dormir em cavernas, grutas e até mesmo nos grandes jarros de cerâmica que serviam para armazenar grãos, sendo, por isso, chamados de *pithokoitai* (“os que dormem em jarros”). Estrabão, o famoso geógrafo grego do século I a.C., listou, em sua obra **Geografia** (1.5.7.6), os *chamaikoitai* (“aqueles que dormem na terra”) entre os trogloditas e os *polyphagoi* (“os que comem de tudo”). No mesmo século, uma obra anônima intitulada **Princípios de saúde** (linha 45), atribuída a certo Asclepiades da Bitínia, explica que, quando davam receitas, os médicos gregos costumavam especificar o que o paciente devia fazer antes de dormir. Nesses casos, os médicos usavam a expressão *dexiokoitês* (“quando pronto para se deitar”), formada com *dexios* (“pronto”) e *koitês*. A assim-chamada **Vida de Esopo** (49.1-7), obra de difícil datação, apresenta o caso em que Xantos, o marido, chega em sua residência, entra no quarto e começa a adular e beijar a esposa, que o rejeita, exigindo, primeiramente, um presente. Em sua irritação, a mulher o ofende, chamando-o de *doulokoitês* (“quem dorme com escravos”) e *kynokoitês* (“quem dorme com cães”). Apesar de o contexto da passagem não ser suficientemente claro, a conotação deve ser sexual, pois, no quarto século A.D., Paulo, um astrólogo de Alexandria, em sua obra **Elementa apotelesmatica** (72.9-10) se refere aos *doulokoitai* como sendo *kakogamoi*, isto é, pessoas que se casaram mal.

Novos vocábulos cunhados pelo mesmo processo de formação de palavras continuaram a aparecer mesmo depois do primeiro uso de *arsenokoitai*. No século II A.D., Pausânias Ático escreveu um dicionário grego intitulado **Coleção** (1.120) e incluiu nele o substantivo *anemokoitai*, formado por *anemos* (“vento”) e *koitês*, para descrever os sacerdotes de Corinto que conseguiam acalmar os ventos, por assim dizer “fazendo-os dormir”, por meio de magia. No século V A.D., um autor épico conhecido como Nono usa mais de 50 vezes o vocábulo *parakoitês* (“aquele que dorme ao lado”). Ainda no século V A.D., um cronógrafo religioso chamado João Malalas (**Cronografia** 436.12-16) faz referência a um substantivo composto com *koitês* que pode ser entendido no contexto das relações sexuais entre homens. Trata-se de *androkoitai* (“aqueles que dormem com homem”):

καὶ εὐθέως προσέταξεν ὁ αὐτὸς βασιλεὺς τοὺς ἐν παιδεραστίας εὐρισκομένους καυλοτομῆσθαι. καὶ συνεσχέθησαν ἐν αὐτῷ τῷ καιρῷ πολλοὶ ἀνδροκοῖται, καὶ καυλοτομηθέντες ἀπέθανον. καὶ ἐγένετο ἕκτοτε φόβος κατὰ τῶν νοσοῦντων τὴν τῶν ἀρρένων ἐπιθυμίαν.

“E logo o próprio rei ordenou que aqueles que fossem encontrados praticando a pederastia tivessem os caules cortados. E foram reunidos naquele tempo muitos *androkoitai* que morreram depois de terem os caules cortados. E houve grande temor, desde aquela época, entre aqueles que padeciam do desejo por machos.”

Enquanto o verbo composto *kaulotomeô* (“cortar os caules”) é um eufemismo equivalente a “castrar”, o substantivo *androkoitai* (“aqueles ou aquelas que dormem com homem”) vai cair no agrado do médico Êtio, do século seguinte, que o empregará três vezes em seus escritos, geralmente se referindo à paixão de uma mulher por homens. Até onde se sabe, a última vez em que uma palavra composta nova é cunhada com *koitês* como segundo elemento, encontra-se nos escritos de um astrólogo do século XII, conhecido como Miguel Glicas. Ele usa, em sua obra **Anais** (501.2), o termo *athesmokoitai*, com o sentido de “aqueles que se deitam em leito ilícito”. No contexto da passagem, percebe-se que, naquela época, também os adúlteros estavam sendo ameaçados com a punição da *caulotomia* (isto é, castração).

Compostos com o radical *arsen* (“macho”) como primeiro elemento também aparecem comumente na literatura grega. O astrólogo Maneto, do terceiro século A.D., em *Apotelesmatica* (4.589-592), cita uma pequena lista com três vícios sexuais: *machloi* (“aqueles que não conseguem controlar seu apetite sexual”), *didymostrophoi* (“aqueles que se viram para os dois lados”), provável referência ao hermafroditismo, e *arsenomiktai* (“aqueles que mantêm relações sexuais com machos”). Plutarco, filósofo contemporâneo de Paulo, emprega, em seu tratado *Sobre Ísis e Osíris* (368c10), o composto *arsenothêlys* quando explica que os egípcios consideravam a lua como a mãe do universo e portadora de natureza hermafrodita (*arsenothêlys*). A palavra é formada dos radicais *arsen* (“macho”) e *thêlys* (“fêmea”). Essa mesma palavra aparece, no quarto século A.D., no tratado *Contra todas as heresias* (2.31.2), em que Epifânio explica que alguns não acreditavam que a criação havia terminado no sétimo dia. Para esses, Deus havia criado o homem terreno no sexto dia, mas, no oitavo dia, criara o homem espiritual (*pneumatikos*) e hermafrodita (*arsenothêlys*), verdadeira imagem e semelhança de Deus. Cirilo, por sua vez, em sua obra *Catecheses ad illuminandos* (6.18.2), criticava o fato de os pagãos crerem que a sabedoria era uma divindade hermafrodita (*arsenothêlys*), e considerava isso grande impiedade, já que Cristo é chamado de “sabedoria de Deus” (*theou sophia*). Em seu hino de louvor à deusa Atena (7.3), o filósofo pagão Proclo, de Atenas, usa, no século IV A.D., a expressão *arsenothymos* (“aquela que pensa como um macho”) em relação à deusa. Finalmente, um antigo, mas anônimo, escoliasta de Aristóteles (428.16), ao comentar o tratado *Ética a Nicômaco*, discorre sobre a prática da *arsenogamia*, caso em que alguns homens se associavam sexualmente a outros homens:

τὸ δὲ ἀρρενογαμεῖν τοῖς μὲν ἐπιγίνεται ἐκ φύσεως κακῆς καὶ ἐπιρρο-  
πούσης πρὸς τὸ κακόν, ἄλλοις ἐξ ἔθισμῶς τινος, οἷον γυμναζόμενοι ἐκ  
παίδων τοὺς ἀρρενας γαμεῖν, οὗτοι ἐθίζουσι τοῦτο παιδόμεν κακοῖς ἀνδράσι  
συναναστρεφόμενοι, καὶ ταῦτα φύσιν ἔχοντες πρὸς τὸ καλὸν ἐπιρροεπῆ.

“o associar-se sexualmente (*arsenogameô*) a homens resulta, para alguns, de sua natureza depravada e de sua inclinação para o mal; para outros, de algum costume como, por exemplo, ser treinado desde a infância para se associar sexualmente a homens. Esses se acostumaram a isso, vivendo, desde a infância, junto com homens depravados, mesmo sendo naturalmente inclinados para o bem em relação a essas coisas.”

A evidência morfológica aponta, portanto, para o fato de que os radicais da palavra *arsenokoitês* eram de uso corrente, no grego antigo, como elementos de composição. Além disso, pode-se supor que um falante do grego não teria dificuldades para interpretar o significado dessa expressão, mesmo que fosse um neologismo da tradição paulina. Como elementos de composição, e na ordem em que são usados, esses radicais têm geralmente conotação sexual, embora sejam encontrados exemplos em que *arsen* apenas determine o gênero, sem implicações estritamente sexuais, e *koitês* signifique apenas “dormir”, sem ênfase sexual.

### A EVIDÊNCIA GENÉTICA

Uma pista para a tradução de *arsenokoitai* pode vir da Septuaginta (LXX), a versão grega da Bíblia Hebraica cuja tradução começou a ser elaborada aproximadamente trezentos anos antes do período do Novo Testamento. Paulo preferia citar a Bíblia Hebraica a partir da LXX em vez de a partir do próprio texto hebraico (ELLIS, 1957, p. 150-152), o que aumenta as chances de que o apóstolo tenha cunhado a palavra com base no texto da LXX. Infelizmente, a LXX não emprega o termo. Por essa razão, diferentes vertentes apontam para semelhanças com dois grupos de passagens ali encontradas.

Alguns estudiosos alegam que *arsenokoitai* teria sido cunhado com base em 1 Re 14:24 (ROBINSON, 2011). Ao se referir aos prostitutas cultuais, a passagem emprega o vocábulo *syndesmos* para traduzir o hebraico *qadesh*. O termo *syndesmos* significa “aquele que se junta a outro” (obviamente, em um contexto sexual). Como esta passagem trata especificamente do caso dos prostitutas cultuais, os que defendem a associação entre *arsenokoitai* e *syndesmoi* alegam, portanto, que não existe interdição neo-testamentária à prática do homossexualismo.

Outros estudiosos (DE YOUNG, 1992, p. 215; MENDELL, 1990?; GARLAND, 2003, p. 211-218) se voltam para o texto de Lv 18:22 e 20:13, passagens que proíbem que um homem se deite com outro, para dar o pano de fundo para o vocábulo do Novo Testamento. O primeiro desses versos afirma *meta arsenos ou koimêthêsei koitên gynaikos*. Literalmente, o texto diz: “não te deitarás na cama com um macho como com uma mulher”. O segundo diz: *hos an koimêthêi meta arsenos koitên gynaikos...*, “quem se deitar na cama com um macho como mulher...”. Nesses dois versos, percebe-se o emprego de

palavras que remetem aos radicais de *arsenokoitai*: *arsenos* e *koitên*.

Segundo Scroggs (1983), contudo, a referência paulina a esses textos estaria condenando apenas a pederastia, isto é, a antiga prática grega de que um homem mais velho se ligasse sexualmente a um rapaz. Para outros estudiosos, os versos de Levíticos como ponto de referência para a cunhagem do termo *arsenokoitai* colocariam essa palavra no domínio cúltico (BOSWELL, 1980) ou no contexto do excesso (SCHUH, 2007). Ou seja, a tradição paulina estaria simplesmente proibindo relações sexuais com prostitutas cultuais ou em casos em que havia exploração sexual (BOSWELL, 1980). Isso significaria que Paulo condenava, sobretudo, o sexo por dinheiro. Em vez disso, seria também possível que o apóstolo estivesse simplesmente desabonando os casos em que um homem tinha vários parceiros sexuais (SCHUH, 2007). Segundo essa forma de pensar, a tradição paulina não objetaria à relação homossexual consensual e monogâmica.

Para outro grupo de estudiosos (DALLAS, 1996, p. 198; BRAUCH, 2000?; JONES; YARHOUSE, 2000; TAYLOR, 2008), Paulo, que costumava usar a LXX em seus sermões e epístolas (TORRES, 1998), simplesmente ligou essas duas palavras para cunhar o neologismo *arsenokoitai*. Ou seja, “o que Paulo está condenando em 1 Coríntios é que uma pessoa faça precisamente o que Levíticos condena” (MAYHALL, 2007). Seria, portanto, improvável que, diante da interdição de Lv 18 e 20, Paulo estivesse empregando *arsenokoitai* no sentido limitado de pederastia ou excesso (GAGNON, 2003). Aliás, o termo “pederasta” já era de uso corrente em sua época e o apóstolo poderia ter recorrido a ele, caso desejasse. Além disso, é muito mais provável que, com *arsenokoitai*, Paulo estivesse se referindo a práticas como as que ele rejeita, em Rm 1:24-27. No verso 27, ele particularmente reprova a torpeza cometida *arsenes en arsesin*, “homens com homens”.

## A EVIDÊNCIA SEMÂNTICA

A evidência semântica diz respeito ao universo de significados e aos vocábulos disponíveis para uso em determinada situação textual. De fato, a dimensão sexual constituía abundante celeiro de vocábulos com significação rica e pertencentes a múltiplos campos semânticos que se interpenetravam e se complementavam mutuamente. Assim, no acervo de palavras disponíveis para Paulo encontramos, por exemplo: *kinaidoi* (“catamitas”), *paiderastai* (“amantes de meninos”), *paidomanes* (“loucos por meninos”), *paidophthoroi* (“corruptores de meninos”), *arsenobatai* ou *androbatai* (“aqueles que cobrem homens”), *arsenomanes* (“loucos por machos”), dentre outras. Devido provavelmente a seu caráter chulo, esses termos não ocorrem no Novo Testamento ou na Septuaginta. Mas alguns deles aparecem, por exemplo, no

**Léxico** de Hesíquio, dicionário organizado, em Alexandria, provavelmente no final do século V A.D.; e, se aparecem em dicionários, pode-se imaginar que eram de uso corriqueiro no mundo greco-romano.

O problema é que, independentemente de seu emprego ou não, o significado desses termos não é automaticamente dado em cada situação. Estudos semânticos apontam para o fato de que uma palavra só adquire significado explícito quando ocorre em um contexto. De Young (2002) aponta os quatro princípios semânticos fundamentais para a atribuição de significado: (i) o significado é determinado pelos contextos em que uma palavra ocorre; (ii) o significado de uma palavra muda com o tempo; (iii) uma palavra geralmente pertence a um determinado campo semântico; e (iv) não existem palavras que sejam sinônimos perfeitos. A única forma segura de analisar o significado de uma palavra é, portanto, investigar o maior número possível de contextos em que a palavra é usada. A significação é atribuída a uma palavra a partir da função que ela exerce em diferentes situações. No caso de *arsenokoitai*, essa declaração tem um efeito positivo e outro negativo. Não podemos simplesmente fazer a soma dos significados dos elementos de composição do termo e acreditar que, com isso, solucionamos o impasse. Por outro lado, mesmo que ignorássemos o significado dos elementos de composição ainda seria possível “atribuir” algum significado à palavra com base nos contextos em que esta ocorre.

Boswell (1980) contende que não se acha o termo *arsenokoitia* em nenhum dos autores pagãos que discutem aspectos ligados à homossexualidade. Sendo assim, o autor conclui que, portanto, *arsenokoitia* não significava “homossexualismo”. Scroggs (1983, p. 108) rebate que o termo deve ter sido cunhado pela tradição paulina ou pelos judeus da diáspora e que, por isso, não poderia mesmo ter feito parte da discussão dos autores pagãos. Apesar dessas incertezas, o fato de a palavra *arsenokoitai* ser usada no mesmo verso e logo após a palavra *malakoi* tem levado alguns estudiosos a sugerir que o pecado denunciado pela expressão é o da pedofilia (CANON, 2005; ROBINSON, 2011). Em 1 Co 6:9, *malakoi* é geralmente traduzido como “efeminados”. No entanto, muitos estudiosos argumentam que o termo se refere aos meninos que se prostituíam nos tempos antigos. Se isso é verdade, teremos, então, a junção de *malakoi* e *arsenokoitai*, respectivamente os participantes passivos e ativos na prática pedófila. Contudo, alguns estudiosos rebatem esse argumento, chamando atenção para o fato de que, em 1 Ti 1:9-10, a palavra *arsenokoitai* não aparece em conexão com *malakoi*, o que sugere que não havia uma ligação tão intrínseca entre ambas como tem sido sugerido (BRAUCH, 2000?).

De Young (2002), fazendo uso dos quatro princípios fundamentais que propôs, argumenta que não há impedimentos para que o termo *arsenokoitai*

seja traduzido por “homossexuais”. Segundo ele, (i) esse significado é possível em muitos dos contextos em que a palavra ocorre; (ii) não se detecta uma mudança importante no referencial de significado da expressão; (iii) *arsenokoitai* obviamente pertence a um campo semântico que inclui a homossexualidade; e (iv), como não existem sinônimos perfeitos, o termo *arsenokoitai* pode, em vários de seus contextos, ser traduzido como “homossexuais” já que, no mínimo, incorpora vários traços de significado que também são encontrados nos contextos em que a palavra “homossexuais” é usada hoje em dia. Independentemente dessas conclusões de De Young (2002), vamos, a seguir, avaliar os diferentes contextos em que o vocábulo *arsenokoitai* e seus derivados são usados na literatura contemporânea aos escritos paulinos.

### O PRIMEIRO CONTEXTO: *ARSENOKOITIA* COMO EXPLORAÇÃO SEXUAL DE UM HOMEM POR OUTRO

Os textos antigos em que o vocábulo *arsenokoitia* ocorre podem ser divididos em três grupos distintos: um grupo de passagens que sugere que *arsenokoitia* era a exploração sexual de um homem por outro; um segundo grupo que aplica o termo à pederastia; um terceiro grupo que sugere que a *arsenokoitia* era a relação sexual não consensual entre dois homens; e um último grupo em que a palavra parece se referir a qualquer tipo de relação sexual entre dois homens, mesmo a consensual. Por uma razão meramente classificatória e sem pretender refletir qualquer estruturação hierárquica desses contextos, vamos chamá-los, respectivamente, de primeiro, segundo, terceiro e quarto contexto.

Sêneca (**Epístolas morais** 47.7-8) condena o tipo de exploração que forçava, por exemplo, um escravo adulto a se vestir e se comportar como mulher. De fato, um grupo de escritos contemporâneos ou quase contemporâneos a Paulo parece sugerir que os *arsenokoitai* eram cafetões que viviam da exploração sexual de prostitutas. Os assim-chamados **Oráculos sibilinos** constituem uma composição provavelmente pouco posterior à tradição paulina. A data é incerta, mas a evidência aponta para a dependência de Paulo, pois vários vocábulos da passagem em questão (2.70-77) ocorrem também no corpus paulino. A passagem pertence a um subgênero que se convencionou chamar de lista de vícios:

(ἐξ ἀδίκων ἔργων δῶρον χερὶ μήποτε δέξη.)  
 σπέροματα μὴ κλέπτειν· ἐπαράσιμος ὅστις ἔληται  
 (εἰς γενεὰς γενεῶν <εἰς> σκορπισμὸν βιότιοι.  
 μὴ ἀρσενοκοιτεῖν, μὴ συκοφαντεῖν, μήτε φονεύειν.)  
 μισθὸν μοχθήσαντι δίδου· μὴ θλίβε πένητα.  
 γλώσση νοῦν ἐχέμεν· κρυπτὸν λόγον ἐν φρεσὶν ἴσχειν.  
 (ὀρφανικοῖς χήραις ἐπιδευομένοις δὲ παρὰσχου.)

“(jamais recebas, com as mãos, presentes de obras ímpias)  
 Não furtarás sementes para a semeadura da vida –  
 o que as pega é amaldiçoado (de gerações a gerações).  
 (Não *arsenokoitarás*, não delatarás, não matarás).  
 Paga o salário a quem trabalhou; não oprimas o pobre.  
 Cuidado com a língua. Guarda os segredos no coração.  
 (Sustenta os órfãos, as viúvas e os necessitados.)”

Martin (1996) argumenta que se trata de uma lista de pecados econômicos: suborno, extorsão, retenção de salários, especulação agrícola (provavelmente esconder parte da colheita para aumentar o preço dos cereais) e chantagem. Nesse contexto, a ordem “não matarás” teria por referência o homicídio por motivação econômica, como, por exemplo, a morte de Nabote por ordem de Jezabel (1 Re 21). Como nenhuma outra expressão na lista assume conotação sexual, Martin (1996) sugere, então, que o termo *arsenokoitia* se refira a algum tipo de exploração econômica de natureza sexual, como, por exemplo, a cafetinagem.

A obra apócrifa **Atos de João** (seção 36), datada no segundo século, contém outra lista de pecados da qual consta a expressão *arsenokoitês*. Nela, o autor repreende os homens de Éfeso:

ὁ δὲ χρυσῶ χαίρων καὶ ἔλεφαντίνων καὶ λίθοις τερ-  
 πόμενος νυκτὸς ἐπελθούσης ἅ φιλεῖς θεᾶσαι; ὁ δὲ μαλακαῖς  
 ἐσθῆσι νικώμενος, εἶτα δὲ ἀπαλασσόμενος τοῦ βίου, ταῦτα  
 ὀφλῆσαι κάκει ὅπου πορεύῃ; ὁ δὲ φονεὺς γινωσκέτω τὴν ἀξίαν  
 τιμωρίαν διπλῆν ἀποκεῖσθαι μετὰ τὴν ἐνθένδε λύσιν. ὁμοίως  
 καὶ ὁ φαρμακός, ὁ περιεργός, ὁ ἄρπαξ, ὁ ἀποστερητής, ὁ  
 ἄρσενοκοίτης, ὁ κλέπτης, καὶ ὅποσοι τοιοῦτου χοροῦ ὑπάρ-  
 χοντες [...]. ὅθεν ἄνδρες Ἐφέσιοι ἐπιστρέψατε ἑαυτοὺς, ἐπι-  
 στάμενοι καὶ τοῦτο ὅτι οἱ βασιλεῖς, οἱ δυνάσται, οἱ τύραννοι, οἱ  
 ἀλαζόνες, οἱ πολέμους χειρῶσάμενοι γυμνοὶ τῶν ἐνθένδε ἀπα-  
 λασσόμενοι, ἐν κακοῖς δὲ αἰωνίοις συγγινόμενοι ὀδυνῶνται.

“Tu que te regozijas no ouro, no marfim e nas pedras preciosas, deleitando-te nessas coisas, vês o que amas quando chega a noite? Tu que sucumbes às roupas finas, quando morreres, vais utilizá-las no lugar aonde fores? Que o homicida saiba que justo galardão duplo o espera depois que partir desta vida. O mesmo vale para o envenenador, o feiticeiro, o saqueador, o vigarista, o *arsenokoitês*, o ladrão, e para todos os que pertencem a esse bando [...]. Portanto, homens de Éfeso, corrigi-vos, sabendo também isso: que os reis, os poderosos, os tiranos, os impostores, os que promovem as guerras partirão nus desta vida e sofrerão, ao padecerem tormentos eternos.”

A **carta de Teófilo de Antioquia a Autólico** (1.2), escrita no segundo século, também inclui duas ocorrências (*arsenokoitês* e *arsenokoitia*) em listas de pecado. Na primeira aparição da palavra, esta ocorre entre vocábulos que são

quase os mesmos que compõem a lista encontrada nos **Atos de João**:

οὕτως καὶ ὅταν ἦ ἁμαρτία ἐν τῷ ἀνθρώπῳ, οὐ δύναται ὁ τοιοῦτος ἄνθρωπος θεωρεῖν τὸν θεόν. δεῖξον οὖν καὶ σὺ σεαυτόν, εἰ οὐκ εἶ μοιχός, εἰ οὐκ εἶ πόρνος, εἰ οὐκ εἶ κλέπτης, εἰ οὐκ εἶ ἄρπαξ, εἰ οὐκ εἶ ἀποστερητής, εἰ οὐκ εἶ ἀρσενικοίτης, εἰ οὐκ εἶ ὑβριστής, εἰ οὐκ εἶ λοιδόρος, εἰ οὐκ ὀργίλος, εἰ οὐ φθονερός, εἰ οὐκ ἀλαζών, εἰ οὐχ ὑπερόπτης, εἰ οὐ πλήκτης, εἰ οὐ φιλάργυρος, εἰ οὐ γονεῦσιν ἀπειθής, εἰ οὐ τὰ τέκνα σου πωλεῖς. τοῖς γὰρ ταῦτα πράσσουσιν ὁ θεὸς οὐκ ἐμφανίζεται, ἐὰν μὴ πρῶτον ἑαυτοὺς καθαρῶσιν ἀπὸ παντὸς μολυσμοῦ.

“Assim também é quando há pecado na pessoa; tal pessoa não pode ver a Deus. Portanto, mostra também tu que não és adúltero, nem prostituído, nem ladrão, nem saqueador, nem vigarista, nem *arsenokoitês*, nem violento, nem caluniador, nem iracundo, nem corruptor, nem impostor, nem invejoso, nem golpeador, nem ganancioso, nem desobediente aos pais, nem vendedor dos próprios filhos. Não se percebe Deus nos que assim procedem, a não ser que primeiramente se purifiquem de toda nódoa.”

A palavra *pornos* (que traduzi como “prostituído”) tem geralmente esse sentido no mundo antigo (CANTARELLA, 1992, p. 192-194). Essa tradução é possível também no contexto do Novo Testamento, embora ali tenha, além disso, o sentido mais amplo de “imoralidade”. As semelhanças entre as duas listas apontam para sua provável fonte comum: o corpus paulino. Na lista de Teófilo, cuja ordem varia nos diferentes manuscritos (BARDY, 1948; GRANT, 1970), predominam os pecados cuja motivação é o ganho ilícito, como, por exemplo, roubar, saquear, ser ganancioso e vender os próprios filhos. Martin (1996) entende a desobediência aos pais como sendo, nesse contexto, a recusa de assumir a responsabilidade financeira pelos pais idosos.

Na segunda lista da carta de Teófilo a Autólico (1.14), *arsenokoitiai* aparece no limiar entre os pecados sexuais (adulterios e prostituições) e um pecado de natureza econômica (avarezas):

τοῖς δὲ ἀπίστοις καὶ καταφρονηταῖς καὶ ἀπειθοῦσι τῇ ἀληθείᾳ, πειθομένοις δὲ τῇ ἀδικίᾳ, ἐπὶ ἑμφύρωνται μοιχείαις καὶ πορνείαις καὶ ἀρσενικοιταῖς καὶ πλεονεξίαις καὶ ταῖς ἀθεμίτοις εἰδωλολατρείαις, ἔσται ὀργὴ καὶ θύμος, θλίψις καὶ στενοχωρία· καὶ τὸ τέλος τοῦς τοιοῦτους καθέξει πῦρ αἰώνιον.

“Aos descrentes e desdenhadores bem como àqueles que desobedecem à verdade, obedecendo, porém, à injustiça, depois que se abrasam com adultérios, prostituições, *arsenokoitiai*, avarezas e idolatrias iníquas, restarão ira e fúria, tribulação e aperto; e, no fim, será posto para estes o fogo eterno.”

Por essa razão, Martin (1996) e Harrill (1999) argumentam que o termo envolve as duas dimensões: a sexual e a econômica.

No contexto ainda mais específico da prostituição cultural, sem as implicações econômicas necessariamente atribuídas às ocorrências mencionadas anteriormente, cita-se comumente uma passagem de Filo de Alexandria (**Leis especiais** 3.7.40-42), judeu que viveu na época de Jesus:

αἴτιον δ' οἶμαι τὸ παρὰ πολλοῖς τῶν δήμων ἀκρασίας καὶ μαλακίας ἄθλα κείσθαι· τοὺς γοῦν ἀνδρογύνους ἔστιν ἰδεῖν διὰ πληθυσσοῦσης ἀγορᾶς ἀεὶ σοβοῦντας κὰν ταῖς ἑορταῖς προπομπεύοντας καὶ τὰ ἱερά τοὺς ἀνιέρους διειληχότας καὶ μυστηρίων καὶ τελετῶν κατάρχοντας καὶ <τὰ> Δήμητρος ὀργιάζοντας. ὅσοι δ' αὐτῶν τὴν καλὴν νεανειάν προσεπιτείνοντες εἰς ἅπαν ὠρέχθησαν μεταβολῆς τῆς εἰς γυναικας καὶ τὰ γεννητικὰ προσαπέκοψαν, ἀλουργίδας ἀμπεχόμενοι καθάπερ οἱ μεγάλων ἀγαθῶν αἴτιοι ταῖς πατρίσι προέρχονται δορυφορούμενοι, τοὺς ὑπαντῶντας ἐπιστρέφοντες.

“Eu acho que a razão disso é que, entre muitos povos, há prêmios para a intemperança e a efeminação. Pelo menos, é possível ver *andróginos* o tempo todo desfilando em plena praça e até conduzindo as procissões nos festivais, e ímpios são sorteados para zelar pelas coisas sagradas, começando os mistérios e os rituais de iniciação bem como celebrando o culto a Ceres. Alguns desses, tendo estendido a bela juventude além de seus limites, desejaram a mudança para o sexo das mulheres e amputaram os órgãos sexuais, vestindo-se de púrpura; assim como os responsáveis pelos grandes bens da pátria, avançam com sua escolta, voltando-se para os que se dirigem a eles.”

Filo está condenando, aqui, o envolvimento de andróginos nos rituais dedicados à deusa Ceres, também conhecida como Cibele ou, mais comumente, como mãe dos deuses. Trata-se de um ritual de fertilidade considerado como importante solenidade pelos romanos. No entanto, o fato de seus sacerdotes, conhecidos como “galos”, tentarem prolongar a própria juventude, assumirem aspecto feminino e praticarem a castração ofendia a opinião popular. No entanto, a aplicação dessa passagem ao contexto dos *arsenokoítai* esbarra na dificuldade de que esse termo não ocorre no trecho citado. Filo emprega apenas o termo “andrógeno” e não há como garantir uma ligação deste com *arsenokoítês*. Tampouco podemos estar inteiramente seguros de que, além de sua aparência feminina, esses sacerdotes praticavam, de fato, a prostituição cultural.

Os que defendem essa posição argumentam que não há passagens bíblicas que condenem o relacionamento sexual entre mulheres. Nessa concepção, isso não ocorre porque, entre os cananitas, a prostituição cultural feminina não era comum. Ou seja, os textos da Bíblia Hebraica só proibiriam o relacionamento homoafetivo no caso em que os rapazes se tornavam prostitutas culturais. Além disso, argumentam que, ao usar a expressão *arsenokoítai* no Novo Testamento, Paulo se referia a uma prática bem conhecida dos israelitas uma vez que não ofereceu nenhuma definição para o termo

que, segundo essa visão, estava inventando. Diante disso, argumentam que a prostituição cultural masculina se encaixaria bem nesse perfil. Pode-se objetar, aqui, que, conforme mencionado anteriormente, a evidência morfológica indica que, mesmo no caso de um neologismo, um leitor antigo não deve ter tido dificuldades para decodificar, em linhas gerais, o significado do mesmo.

## O SEGUNDO CONTEXTO: *ARSENOKOITIA* COMO PEDERASTIA

Outro grupo de escritos contemporâneos ou quase contemporâneos a Paulo parece sugerir que os *arsenokoitai* eram pederastas, isto é, homens maduros que se afeiçoavam a jovens inexperientes para deles se aproveitarem sexualmente. Nessa categoria é geralmente inserida a passagem da **Apologia** (12.9-13.5.1-5), de Aristides, escrita aproximadamente cem anos depois de Paulo. Esse texto cristão critica a crença pagã nos deuses os quais coloca entre os *arsenokoitai*:

πῶς δὲ οὐ συνῆκαν οἱ σοφοὶ καὶ λόγοι τῶν Ἑλλήνων, ὅτι νόμους θέμενοι κατακρίνονται ὑπὸ τῶν ἰδίων νόμων; εἰ γὰρ οἱ νόμοι δίκαιοί εἰσιν, ἄδικοι πάντως οἱ θεοὶ αὐτῶν εἰσὶ παράνομα ποιήσαντες, ἀλληλοκτονίας καὶ φαρμακείας καὶ μοιχείας καὶ κλοπὰς καὶ ἀρσενοκοιτίας· εἰ δὲ καλῶς ἔπραξαν ταῦτα, οἱ νόμοι ἄρα ἄδικοί εἰσι κατὰ τῶν θεῶν συντεθέντες·

“Como não entendem os sábios e eloquentes dentre os gregos que os que estabelecem as leis devem ser julgados por sua própria lei? Pois, se as leis são justas, seus deuses são inteiramente injustos já que praticam coisas ilícitas, homicídios mútuos, envenenamentos, adultérios, furtos e *arsenokoitai*. Se, com facilidade, praticam tais coisas, as leis são, então, injustas por conspirarem contra os deuses.”

De acordo com Patrick (2000), nesse contexto, o termo só pode se aplicar à sedução de Ganimedes, o jovem príncipe troiano a quem Zeus abduziu para fazer dele seu copeiro e amante. O episódio mitológico era usado, segundo Ovídio (**Carmina**), pelos velhos pederastas para justificar sua propensão a copular com rapazes sexualmente inexperientes.

A prática generalizada da pederastia entre os gregos e entre muitos daqueles que eram influenciados por sua cosmovisão representava um incômodo tão grande para os autores cristãos que Clemente de Alexandria, em sua obra **Exortação aos gregos** (10.108.5), ao citar os dez mandamentos, colocou lado a lado as expressões “não adulterarás” e “não praticarás a pedofilia” (*ou paidophthorseis*).

## O TERCEIRO CONTEXTO: *ARSENOKOITIA* COMO SEXO NÃO CONSENSUAL ENTRE DOIS HOMENS

Além dos textos que colocam, explícita ou implicitamente, a *arsenokoitia* entre os pecados de exploração econômica ou da pedofilia, existem também textos em que a *arsenokoitia* é tratada como uma forma de violência sexual. A mais conhecida dessas passagens é o relato reproduzido por Hipólito, em sua obra **Refutação de todas as heresias** (5.26.23). Ali, o autor conta a lenda gnóstica da investida do demônio Naas contra Adão e Eva. Segundo esse relato, o demônio teria cometido adultério (*moicheia*) com Eva e *arsenokoitia* com Adão:

ὁ δὲ Νάας παρανομίαν ἔσχε· προσῆλθε γὰρ τῇ Εὐᾶ ἑξαπατήσας αὐτήν καὶ ἐμοίχευσεν αὐτήν, ὅπερ ἐστὶ παράνομον· προσῆλθε δὲ καὶ τῷ Ἀδὰμ καὶ ἔσχεν αὐτὸν ὡς παιδ<ικ>ά, ὅπερ ἐστὶ καὶ αὐτὸ παράνομον. ἔνθεν <δὲ> γέγονε μοιχεία καὶ ἀρσενοκοίτια.

“Mas Naas cometeu transgressão. Pois abordou Eva, enganou-a e adulterou com ela, o que é transgressão. Abordou, então, também a Adão e o possuiu como a um escravo, o que também é transgressão. Daí surgiram o adultério e a *arsenokoitia*.”

Martin (1996) argumenta que, uma vez que o trecho não diz especificamente que Naas manteve relações sexuais consensuais com Adão, pode-se objetar que a palavra *arsenokoitia* seja, neste caso, compreendida nesse sentido. O problema com esse raciocínio é que o significado do verbo “adulterar” (*moicheuō*), empregado no mesmo texto, ficaria limitado apenas ao caso em que a mulher fosse enganada para praticar relações sexuais com um consorte. No entanto, a literatura bíblica não restringe o significado do verbo a esse uso particular.

Outro texto geralmente colocado nesta categoria vem de uma citação que Eusébio de Cesareia faz, em **Preparação evangélica** (6.10.25), a Bardesames, um autor do terceiro século:

ἀπὸ Εὐφράτου ποταμοῦ καὶ μέχρι τοῦ Ὠκεανοῦ ὡς ἐπὶ ἀνατολᾶς ὁ λαιδορούμενος ὡς φονεὺς ἢ ὡς κλέπτης οὐ πάνυ ἀγανακτεῖ, ὁ δὲ ὡς ἀρσενοκοίτης λαιδορούμενος ἑαυτὸν ἐκδικεῖ μέχρι καὶ φόνου· παρ’ Ἑλλησι καὶ οἱ σοφοὶ ἐρωμένους ἔχοντες οὐ ψέγονται.

“Desde o rio Eufrates até o oceano que fica no oriente, quem é insultado como homicida ou ladrão não se indigna muito, mas aquele que é insultado como *arsenokoitēs* se vinga até com o homicídio. Entre os gregos, mesmo os sábios que têm amantes não são censurados.”

Bardesames se mostra surpreso em relação ao fato de que alguns orientais considerassem a *arsenokoitia* como algo digno da reprovação pública, senão vingança. O texto parece enfatizar a sabedoria dos gregos por não se incomodarem com isso. Nessa leitura, Eusébio, um bispo da igreja, parece não objetar às relações sexuais entre homens, desde que, como no caso dos

gregos, fossem consensuais.

Um argumento que favorece a interpretação da *arsenokoitia* como se referindo aos casos de sexo não consensual (estupro) vem de sua antiga associação com a cidade de Sodoma. Conforme disse anteriormente, essa associação não é direta. Traduzir *arsenokoitia* como “sodomia” passa a falsa impressão de que o termo Sodoma é um dos elementos de composição da palavra. No entanto, há exemplos de autores antigos que entenderam *arsenokoitia* como incluindo a tentativa de estupro dos anjos que visitavam Sodoma. No quarto século, Pseudo Macário, em sua obra intitulada **Sermões**, capítulo 64, homilia 49.5.6.2, faz precisamente essa ligação:

Οὕτως ἐπὶ Σοδόμων γέγονεν· οἱ πολλὰ ἀμαρτάνοντες καὶ μὴ ἐπιστρέφοντες ὕστερον τοιοῦτω τολμήματι προσέκοψαν ἐπὶ τῶν ἀγγέλων—ἀρσενοκοίτιαν εἰς αὐτοὺς ἐργάσασθαι τολμήσαντες—, ὡς μηκέτι ἔχειν αὐτοὺς μετάνοιαν.

“Assim se passou em Sodoma: a maioria pecando e não se arrependendo mais tarde dessa ousadia, atacou os anjos – tentando cometer *arsenokoitia* com eles – pelo que não podem mais se arrepender.”

Outra passagem usada para defender o ponto de vista de que a *arsenokoitia* consistia em relações sexuais não consensuais (BOSWELL, 1980, p. 364) vem do século VI A.D., sendo, portanto, bastante tardia. Trata-se da declaração atribuída a João Jejunator, em suas **Penitências**: τὸ μέντοι ἀρσενοκοιτίας μῦσος πολλοὶ καὶ μετὰ τῶν γυναικῶν αὐτῶν ἐκτελοῦσιν, “muitos [homens], de fato, cometem o pecado da *arsenokoitia* até com as próprias esposas”. No entanto, a passagem pode ser alternativamente interpretada como uma referência ao sexo anal, em vez de em relação ao sexo não consensual.

## O QUARTO CONTEXTO: ARSENOKOITIA COMO QUALQUER TIPO DE RELAÇÃO SEXUAL ENTRE DOIS HOMENS

Contra os argumentos de que *arsenokoitia* se refira a um tipo particular de relação homossexual (prostituição cultural, estupro, pederastia, cafetinagem) tem sido feita a observação de que a tradição rabínica contemporânea ou quase contemporânea a Paulo geralmente interpretou a expressão hebraica *mishkav zakur* (“deitar-se com um homem”), de Levíticos, como se referindo à prática do homossexualismo (BRAUCH, 2000?; GAGNON, 2003; TAYLOR, 2008). Também temos acesso à evidência oriunda das primeiras traduções das passagens paulinas. Wright (1984, p. 125-153) examinou as primeiras traduções latinas, siríacas e coptas, chegando à conclusão de que, em todas elas, a palavra *arsenokoitai* é traduzida por um ou mais termos que fazem referência à prática sexual entre pessoas do mesmo sexo. Jerônimo, por exemplo, a traduziu como *masculorum concubitores*, uma correspondência quase

exata com o grego.

Além disso, os primeiros autores cristãos usaram o termo cunhado por Paulo também no contexto de Levíticos 18 e 20. Um exemplo disso nos vem de Eusébio de Cesareia, em sua obra **Demonstração evangélica** (1.6.67):

ὁ μὲν Μωσῆς μοιχοῖς καὶ ἀκολάστοις διετάττετο τὸ μὴ μοιχεύειν,  
μηδὲ ἀρσενοκοιτεῖν, μηδὲ τὰς παρὰ φύσιν ἡδονὰς διώκειν,  
θάνατον τὴν τιμωρίαν τοῖς παραβαίνουσιν ἐπάγων, ἐγὼ δὲ μηδ'  
ἐμβλέπειν γυναῖκα μετ' ἐπιθυμίας ἀκολάστου τοὺς ἐμοὺς βούλομαι.

“Se, por um lado, Moisés ordenou aos adúlteros e irrefreados que não adulterassem, não *arsenokoitassem* e que tampouco buscassem prazeres contrários à natureza, introduzindo a pena de morte para os transgressores; de minha parte, não quero sequer que meus [olhos], com desejo irrefreado, fitem uma mulher.”

Belgau (apud TAYLOR, 2008) argumenta que, se tivéssemos um texto da Bíblia Hebraica que proibisse que os homens fabricassem tijolos e outro do Novo Testamento que afirmasse que os fabricantes de tijolos não serão salvos, ninguém em sã consciência diria não saber o significado de “fabricantes de tijolos”. Segundo ele, a combinação das passagens de Levíticos, 1 Coríntios e 1 Timóteo é suficiente para garantir o fato de que o significado de *arsenokoitai* aponta para o relacionamento sexual entre homens.

## A EVIDÊNCIA LITERÁRIA

Conforme muitos estudiosos perceberam, as poucas ocorrências do termo *arsenokoitai* aparecem no subgênero literário (*topos*) conhecido como “lista de vícios”. Os filósofos da antiguidade greco-romana tinham o hábito de elaborar listas para que seus discípulos as memorizassem e, depois disso, as colocassem em prática. Paulo também desenvolveu essa prática, tendo produzido listas de virtudes, de vícios e de vicissitudes (TORRES, 2002). Nessas listas, os itens são geralmente organizados em grupos compatíveis ou em consonância com algum outro princípio organizador. Por essa razão, Martin (1996) argumenta que a citação de 1 Timóteo coloca *arsenokoitai* e *malakoi* entre os pecados de natureza econômica e não entre aqueles de natureza sexual, como *moicheia* (adulterio) e *porneia* (prostituição), por exemplo. Para o autor, a lista de vícios, em 1 Timóteo, organiza os pecados em duplas: transgressores e rebeldes; irreverentes e pecadores; ímpios e profanos; parricidas e matricidas; homicidas e homens prostituídos (*pornois*); *arsenokoitai* e raptos de homens (*andrapodistai*); mentirosos e perjuros. O autor busca apoio adicional no fato de que, na citação dos **Oráculos sibilinos**, a forma verbal *arsenokoitein* parece ter um referencial econômico ou financeiro. Sendo assim, propõe que a expressão não pode ser entendida como equivalente à

prática consensual do homossexualismo.

No entanto, Jepsen (2006) argumenta que, a despeito de sua tendência organizadora, há inúmeras listas de vícios e virtudes em que os itens guardam pouca relação entre si. O autor apresenta um exemplo oriundo da própria obra **Oráculos sibilinos** (2.75), em que vícios e virtudes são mencionados de forma aleatória: julgar outras pessoas, dar falso testemunho, conservar a castidade, praticar o amor e não usar pesos ou balanças mentirosos. Ou seja, em muitas dessas listas, o único princípio organizador é que elas contêm vícios e virtudes.

Além disso, embora seja geralmente considerado que as listas de vício dificultem a interpretação do significado das palavras nelas contidas, uma vez que essas são inseridas sem um contexto mais amplo que as identifique (SCROGGS, 1983, p. 127-129), essas listas às vezes apresentam qualificações adicionais que possibilitam a compreensão, pelo menos provisória, do significado de seus itens constitutivos. Felizmente, há inúmeras listas de vícios que nos chegaram da antiguidade, o que nos permite fazer esse tipo de constatação. Um bom exemplo desse tipo de qualificação provém de um teólogo cristão do século IV, conhecido como Efraim. Em uma das preces incluídas em sua obra **Petições à mãe de Deus** (5.373.6-11), o autor apresenta esse tipo adicional de qualificações aos pecados de sua lista:

Ἀποδίωξον ἀπ' ἐμοῦ τοῦ ταπεινοῦ καὶ παναθλίου δούλου σου τὴν ἀκηδῖαν, τὴν λήθην, τὴν ἀγνοίαν, τὴν ἀμέλειαν, τὴν κενοδοξίαν, τὴν μοιχείαν, τὴν πορνείαν, τὴν ἀρσενοκοιτίαν, τὴν γαστριμαργίαν, καὶ πάντας τοὺς πονηροὺς καὶ αἰσχροὺς καὶ βλασφήμους λογισμοὺς ἐκ τῆς ἀθλίας καὶ ταλαιπώρου μου καρδίας καὶ τοῦ ἐσκοτισμένου μου νοῦς, καὶ πάντων τῶν κακῶν μου πράξεων ἐλευθέρωσον, καὶ κατὰσβεσόν μου τὴν φλόγα τῶν παθῶν, ὅτι ἀσθενῆς καὶ ταλαιπώρος εἰμι.

“Tira de mim, teu humilde e miserável servo, a apatia, o esquecimento, a ignorância, a indiferença, a vaidade, o adultério, a prostituição, a *arsenokoitia*, a comilança e todo pensamento maldoso, indecente ou blasfemo; [tira essas coisas] de meu coração desgraçado e digno de pena, e da minha mente escurecida. Também liberta-me de todas as minhas ações perversas, bem como apaga a chama de minhas paixões, pois sou fraco e miserável.”

Como se percebe, esta lista de vícios contendo a *arsenokoitia* se coloca também no subgênero (*topos*) das enfermidades (paixões) da alma, uma das temáticas filosóficas mais comuns da literatura greco-romana (TORRES, 2007). Uma característica fundamental desse *topos* literário consiste justamente em sua capacidade de motivar o indivíduo ao crescimento intelectual, espiritual e social. A prostituição cultural, a violência do sexo não consensual (estupro), a pedofilia e a cafetinagem parecem não estar incluídas entre as preocupações dessa modalidade filosófica.

Além disso, há uma passagem de Orígenes (**Exposição sobre**

**Provérbios 7.74)** que, embora não tenha feito parte das discussões teológicas e filológicas de *arsenokoitia*, acrescenta um dado importante em relação à compreensão antiga do termo:

Οἱ μὲν ἐν ταῖς πλατείαις ῥεμβόμενοι, μοιχείας καὶ πορνείας καὶ κλοπῆς λαμβάνουσι λογισμούς· οἱ δὲ ἔξω τούτων ῥεμβόμενοι, τὰς παρὰ φύσιν ἡδονὰς μετέρχονται, ἀρσενοκοιτεῖν ἐπιζητοῦντες, καὶ ἄλλων τινῶν ἀπαγορευομένων πραγμάτων φαντασίας λαμβάνοντες·

“Alguns vagueiam pelas praças, colhendo relatos de adultério, prostituição e furto; outros vagueiam fora das [praças], participando em prazeres contrários à natureza, procurando *arsenokoitar* e recebendo desfiles de outras coisas proibidas.”

Orígenes deixa claro que a *arsenokoitia* era considerada, pela igreja cristã primitiva, como uma violação da natureza humana. Essa descrição se encaixa muito mais numa situação de autodepravação do que numa situação exploratória de outras pessoas, quer no contexto econômico ou sexual. Nesse contexto, Teodoreto (**História eclesiástica** 252.4) nos dá, no final do século IV, outra pista para a decifração de *arsenokoitia*:

ἀντὶ γὰρ θεῶν ῥημάτων αἰσχροτήτα προὔβάλλετο, ἀντὶ σεμνῶν λόγων ἀσέλγειαν, ἀντ’ εὐσεβείας ἀσέβειαν, ἀντὶ ἐγκρατείας πορνείαν, μοιχείαν, ἀρσενοκοιτίαν, κλοπὴν, πόσιν καὶ βρῶσιν τῷ βίῳ πρὸς τοῖς ἄλλοις εἰσηγούμενος εἶναι χρήσιμα.

“Em vez das palavras de Deus, propôs fealdade; em vez de discursos nobres, imoralidade; em vez de piedade, impiedade; em vez de domínio próprio (*egkrateia*), prostituição, adultério, *arsenokoitia*, furto, bebedeira e comilança, ensinando que essas coisas, além de outras, são úteis para a vida.”

Não me parece que textos como estes condenem necessariamente a prostituição cultural, a pedofilia, a cafetinagem ou o estupro. Listas de vícios como estas reprovavam pecados individuais cometidos, muitas vezes, em oculto: adultério, furto, prostituição. Além disso, a ênfase tampouco parece recair sobre o que se faz contra o próximo, mas naquilo que a degradação nos leva a fazer, quer contra o próximo quer contra nós mesmos. Orígenes, por exemplo, se preocupa também com as coisas que fazemos longe das praças públicas. Não me parece lógico que um cafetão ou prostituto cultural estabelecesse seu “negócio” em áreas pouco visitadas da cidade. Teodoreto, por sua vez, mostra que a *arsenokoitia* é a alternativa pecaminosa para a temperança virtuosa (*egkrateia*). De novo, não me parece que a prostituição cultural ou a cafetinagem sejam oriundas da falta de *egkrateia*. Como no caso do adultério, da bebedeira e da comilança, o termo *arsenokoitia* deve ser descritivo de um pecado contra a natureza e que emane da falta de domínio próprio.

O caráter geral da *arsenokoitia*, mais do que a possibilidade de uma definição limitada tecnicamente, também é confirmado pelo comentário do

escolista de **Nuvens** (1090c), do comediógrafo Aristófanes, que explica que um personagem da comédia “acusa” (*diaballei*) os atenienses de serem *arsenokoitai*, adúlteros (*moichoí*) e prostitutas (*pornoi*). Segundo o escolista, com isso o personagem expunha o fato de os atenienses levarem “um estilo de vida depravado” (*phaulos bios*), “abusando de seus amantes de modo desavergonhado” (*tois paidikois chrómenous anaidós*). Mais adiante (1090d), o escolista chega a atribuir aos atenienses o que chama de *arsenomania* (“obsessão por machos”). Apesar do caráter hiperbólico da declaração, não parece que o escolista restrinja a *arsenokoitia* a pecados limitados a certas situações da vida ateniense. Sua descrição aponta para uma tendência geral, uma permissividade que afeta a população masculina de modo geral.

Uma evidência contrária a essa minha insistência, partilhada por outros estudiosos (WRIGHT, 1984; MENDELL, 1990?), de que o termo *arsenokoitai* deve ser entendido à luz dos pecados individuais que representam tentações para os indivíduos de modo geral é o fato de que a lista de vícios de 1 Tm 1:10 inclui termos como matricidas, patricidas e *andrapodistai* (“raptadores de homens”). De fato, *andrapodistai* é uma palavra cujo significado é mais facilmente determinado devido a sua ocorrência em diversos autores pagãos (Aristófanes, Platão, Xenofonte, Demóstenes, Políbio e Dio Crisóstomo, por exemplo). Devo reconhecer que a tentação de matar o pai e a mãe ou raptar homens não parece do tipo que se mostraria atraente para mais do que um punhado de pessoas. Não obstante, quando consideramos a evidência disponível, o peso da balança parece se inclinar indiscutivelmente para o fato de que *arsenokoitia* consistia, na visão bíblica, uma forma abrangente de homossexualismo.

## A EVIDÊNCIA INTERNA

A evidência quanto ao significado de *arsenokoitia* pode emanar, como foi visto, da análise de vários aspectos pertinentes ao contexto em que o termo aparece na correspondência paulina. No entanto, nenhum peso de evidência deveria ser maior do que o próprio contexto. A esse respeito, recentes estudos apontam para o fato de que as epístolas de Paulo aos coríntios fazem parte de uma discussão cujo componente sexual desempenha importante papel (HARRILL, 2001; LARSON, 2004; MAYORDOMO-MARÍN, 2006). A comparação da correspondência paulina com as invectivas de Polemo de Esmirna contra Favorino de Arles, um dos hermafroditas mais famosos do início da era cristã, situa os escritos de Paulo, entre outras coisas, no contexto da autodefesa de sua masculinidade diante de insinuações contrárias. De acordo com Cícero (**Brutus** 18.59), um orador manterá,

*in gestu status erectus et celsus; rarus incessus nec ita longus; excursio moderata*

*eaque rara; nulla mollitia cervicum, nullae argutiae digitorum, non ad numerum articulus cadens; trunco magis toto se ipse moderans et virili laterum flexione.*

“em sua postura, um estado ereto e elevado; com raros passos e nunca longos; os movimentos devem ser moderados e raros, sem inclinação efeminada do pescoço, sem movimentação excessiva dos dedos, sem marcação do ritmo; deve, em vez disso, moderar-se pela pose de todo o torso e pela atitude viril do corpo.”

Na visão comum da retórica romana, para ser ouvido respeitosamente, era importante que o orador se portasse masculinamente. Por essa razão, a crítica à postura efeminada de um orador podia destruir sua credibilidade. Vários outros escritores da época relatam casos em que uma das partes adotava precisamente essa estratégia, entre eles Tácito, Sêneca, Plutarco e Dio Cássio. A passagem de 2 Co 10:10 tem sido recentemente interpretada como consistindo desse tipo de ataque à capacidade oratória de Paulo. As próprias declarações do apóstolo com respeito a sua flexibilidade no tratamento das diferenças entre os cristãos daquela cidade (1 Co 4:21; 9:19-23; 10:33) poderiam colocá-lo na condição de bajulador, traço de caráter proeminentemente associado à postura efeminada (MARSHALL, 1987, p. 281-325). Diante disso, o apóstolo se defende (2 Co 10:1; 11:20), apelando para o valor cristão da mansidão (2 Co 10:1; 12:5, 8-10) e prometendo recorrer, se necessário, a sua autoridade apostólica (2 Co 13:2). Por essas razões, há um número crescente de estudiosos que identificam, em Paulo, elementos de uma postura aparentemente homofóbica (LARSON, 2004, p. 92; MAYORDOMO-MARÍN, 2006). Segundo esses eruditos, os posicionamentos de Paulo foram motivados pela tentativa de se mostrar suficientemente viril para granjear o apoio de seus ouvintes. Assim, é necessário que Paulo se apresente como pai da igreja de Corinto (1 Co 4:14ss; 2 Co 11:2ss; 12:14), guerreiro (2 Co 10:3-5) e atleta (1 Co 9:24-27). Para esses estudiosos, 1 Co 6-11 constitui importante passagem na qual Paulo estabelece sua condição de orador viril. Há inúmeros aspectos que são disputados em relação a esse trecho da correspondência paulina. No entanto, é possível afirmar que entender as palavras *arsenokoitai* e *malakoi* como tendo por referenciais aspectos de comportamento ligados à postura efeminada faz sentido à luz dessa controvérsia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito da complexidade do tema, é possível chegar a algumas conclusões plausíveis com respeito ao significado da *arsenokoitia*. A evidência morfológica aponta para o fato de que, mesmo em se tratando de um neologismo, o leitor de Paulo deve ter entendido, sem maiores dificuldades, o sentido sexual de *arsenokoitai*. A evidência genética sugere que a palavra foi cunhada a partir da LXX. A evidência semântica indica que o vocábulo não tinha um sentido técnico ou limitado, mas que tinha, em vez disso,

um significado abrangente. A evidência literária coloca o emprego paulino do termo no subgênero das listas de vícios e no *topos* das enfermidades ou paixões da alma. E, finalmente, a evidência interna aos escritos de Paulo, especialmente 1 Coríntios, sugere que o apóstolo usou o termo durante uma polêmica contra os coríntios em que sua própria masculinidade estava sendo questionada. Por essas razões, pode-se dizer que a tradução de *arsenokoitai* por “homossexuais” não é incompatível com a evidência.

Pode-se considerar, de fato, um sinal dos tempos que, na época de João Crisóstomo (**Sermão sobre 1 Coríntios 6:9-10**), as pessoas objetassem às passagens paulinas da *arsenokoitia* porque achavam injusto que os bêbados fossem colocados no mesmo nível dos adúlteros, prostitutas e dos *arsenokoitai*; mas, hoje, adúlteros, prostitutas e *arsenokoitai* objetam quanto a serem colocados no mesmo nível em que os bêbados. Por outro lado, nada existe nos evangelhos que nos leve a desprezar quem quer que seja em razão de suas fraquezas. O evangelho de Cristo simplesmente não nos autoriza a desfilarmos nosso olhar de superioridade, farisaicamente nos ufanando de sermos melhores do que os outros. Não somos. Em vez disso, a mensagem de Cristo é que amemos o próximo como a nós mesmos, sem levar em consideração se esse próximo é bêbado, adúltero, prostituto ou *arsenokoitês*.

#### REFERÊNCIAS

BAILEY, D. S. **Homosexuality and the Western Christian tradition**. London: Longmans, Greens, 1975.

BARDY, Gustave. **Théophile d'Antioche: trois livres a Autolyclus**. Sources chrétiennes 20. Paris: du Cerf, 1948.

BARR, James. **The semantics of Biblical language**. New York: Oxford University Press, 1961.

BOSWELL, John. **Christianity, social tolerance, and homosexuality**. Chicago: University Press, 1980.

BRAUCH, Manfred. The exclusiveness of the gospel: 1 Corinthians 6:2-11; 1 Timothy 1:10. In: BRAUCH, Manfred; HERTZOG, William (Eds.). **Bridges across the divide**. Greenlake, Wisconsin: American Baptist Assembly, 2000? Disponível em: [www.bridges-across.org/ba/brauch3.htm](http://www.bridges-across.org/ba/brauch3.htm). Acesso em: 26 jun 2011.

CANTARELLA, Eva. **Bisexuality in the ancient world**. New Haven: Yale, 1992.

CANON, Justin. **The Bible, Christianity and homosexuality**. 2005.

Disponível em: <https://www.truthsetsfree.net/study.html>. Acesso em: 12 jun 2011.

DALLAS, Joe. **A strong delusion**: confronting the gay Christian movement. Eugene, Oregon: Harvest House, 1996.

DE YOUNG, James B. **Homosexuality**: contemporary claims examined in light of the Bible and other ancient literature and law. Grand Rapids: Kregel, 2002.

\_\_\_\_\_. The source and NT meaning of *arsenokoitai*, with implications for Christian ethics and ministry. **The Master's Seminary Journal**, v. 3, n. 2, p. 191-215, 1992.

ELLIS, E. E. **Paul's use of the OT**. Edinburgh: Oliver & Boyd, 1957.

GAGNON, Robert A. J. **The Bible and homosexual practice**: texts and hermeneutics. Nashville: Abigdon, 2001.

GARLAND, David E. **1 Corinthians**. ECNT. Grand Rapids: Baker, 2003.

\_\_\_\_\_. Does the Bible regard same-sex intercourse as intrinsically sinful? In: SALTZMAN, R. (Ed.). **Christian sexuality**: normative and pastoral principles. Minneapolis: Kirk House, 2003.

GRANT, Robert M. **Ad Autolycum**. Oxford: Clarendon, 1970.

HARRILL, J. Albert. The vice of slave-dealers in Greco-Roman society: the use of a topos in 1 Tim 1:10. **Journal of Biblical Literature**, v. 118, n. 1, p. 97-122, 1999.

\_\_\_\_\_. Invective against Paul (2 Cor 10:10), the physiognomics of the ancient slave body, and the Greco-Roman rhetoric of manhood. In: YARBRO COLLINS, Adela; MITCHELL, Margaret M. (Eds.). **Antiquity and humanity**: essays on ancient religion and philosophy. Festschrift for Hans Dieter Betz. Tübingen: Mohr Siebeck, 2001. p. 189-213.

JEPSEN, Gary R. **Dale Martin's "arsenokoitês and malakos" tried and found wanting**. Puyallup, WASH: Lutheran School of Theology and Mission, 2006. Disponível em: <http://www.thefreelibrary.com/dale+martin's+%22arsenokoites+and+malakos%22+tried+and+found+wanting-a0153025991>. Acesso em: 20 jun 2011.

JONES, Stanton L.; YARHOUSE, Mark. **Homosexuality**: the use of scientific research in the church's moral debate. Downers Grove, Illinois: Intervarsity, 2000.

KROEGER, Catherine. The apostle Paul and the Greco-Roman cults of

women. **Journal of the Evangelical Theological Society**, v. 30, n. 1, p. 25-38, 1987.

LARSON, Jennifer. Paul's masculinity. **Journal of Biblical Literature**, n. 123, p. 85-97, 2004.

MARSHALL, Peter. **Enmity in Corinth**: social conventions in Paul's relations with the Corinthians. *Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament 2:23*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1987.

MARTIN, Dale B. *Arsenokoités* and *malakos*: meanings and consequences. In: BRAWLEY, Robert L. (Ed.). **Biblical ethics and homosexuality**. Westminster: John Knox Press, 1996. p. 117-136. Disponível em: <http://bricuse-gaychristian.blogspot.com/2007/06/arsenokoits-and-malakos-meanings-and.html>. Acesso em: 14 jun 2011.

\_\_\_\_\_. **Sex and the Single Savior**: gender and sexuality in Biblical interpretation. Louisville: Westminster John Knox, 2006.

MAYHALL, C. Wayne. Is arsenokoitai really that mysterious? **Christian Research Journal**, v. 30, n. 6, 2007. Disponível em: <http://www.equip.org/articles/is-arsenokoitai-really-that-mysterious->. Acesso em: 12 jun 2011.

MAYORDOMO-MARÍN, Moisés. Construction of masculinity in antiquity and early Christianity. **Lectio Difficilior: European Electronic Journal for Feminist Exegesis**, n. 2, 2006. Disponível em: [www.lectio.unibe.ch/06\\_2/pdf/marin\\_construction.pdf](http://www.lectio.unibe.ch/06_2/pdf/marin_construction.pdf). Acesso em: 26 jun 2011.

MENDELL, Henry. **Arsenokoitai**: Boswell on Paul. Los Angeles: California State University, 1990? Apresentação acadêmica, aparentemente nunca publicada.

NISSINEN, Martti. **Homoeroticism in the Biblical world**. Minneapolis: Fortress, 1998.

PATRICK. **The mystery and misunderstanding of 1 Cor 6:9 and 1 Tim 1:9, it is all a matter of words**. 2000? Disponível em: <http://home.wanadoo.nl/inspiritus/the%20mystery.htm>. Acesso em: 22 jun 2011.

PETERSEN, W. L. Can arsenokoitai be translated by "homosexuals" (1 Cor 6:9; 1 Tim 1:10)? **Vigiliae Christianae**, n. 40, p. 187-191, 1986.

ROBINSON, B. A. **Meanings of the Greek word arsenokoitai (1 Corinthians 6 and 1 Timothy 1)**. Ontario Consultants on Religious Tolerance. 2009? Disponível em: <http://www.religioustolerance.org/homarsen.htm>. Acesso em: 12 jun 2011.

SCHUH, Steve. **Challenging conventional wisdom**: how a conservative reading of the Biblical references to homosexuality fails to support their traditional interpretation. 2007. Disponível em: [www.integritycanada.org/publications/challenging\\_conventional\\_wisdom/schuh.pdf](http://www.integritycanada.org/publications/challenging_conventional_wisdom/schuh.pdf). Acesso em: 26 jun 2011.

SCROGGS, Robin. **The New Testament and homosexuality**. Philadelphia: Fortress, 1983.

TAYLOR, Ross A. **Paul and malakos and arsenokoites**. 2008. Disponível em: <http://www.apocalipsis.org/difficulties/malakosandarsenkoites.htm>. Acesso em: 12 jun 2011.

TORRES, Milton L. A Septuaginta no contexto do Novo Testamento. **Revista Teológica do SALT-IAENE**, v. 2, n. 1, p. 29-44, 1998.

\_\_\_\_\_. A sexualidade romana até os tempos do Novo Testamento. **Revista Teológica do SALT-IAENE**, v. 4, n. 2, p. 14-20, 2000.

\_\_\_\_\_. Pauline vicissitudes and 2 Tim 3:11. **Hermenêutica**, v. 2, n. 1, p. 45-59, 2002.

\_\_\_\_\_. **A sã doutrina**. São Paulo: Allprint, 2007.

WHITE, Mel. **Stranger at the gate**: to be gay and Christian in America. New York, Plume, 1994.

WRIGHT, David F. Homosexuals or prostitutes? The meaning of arsenokoitai. **Vigiliae Christianae**, n. 38, p. 125-153, 1984.

DATA DE SUBMISSÃO: 07/11/2012

DATA DE ACEITE: 03/12/2012